Quinta-feira, 22 de outubro de 1885

A EPOCA

MEMORIAL DOS ACONTECIMENTOS DA SEMANA

I.º ANNO

ASSIGNATURA
Por anno, em Aveiro . . . . . 1$000 réis
Reino, ilhas, ultramar e Brazil accresce o custo da estampilha.
Numero avulso . . . . . 30 réis
Publica-se ás quintas-feiras

PROPRIETARIOS — MELLO FREITAS & MELLOS GUIMARÃES

REDACTOR LITTERARIO — MELLO FREITAS

PUBLICAÇOES
Annuncios por linha . . . . . 20 réis
Repetições . . . . . 10 »
Communicados, por linha . . . . . 30 »
Aos assignantes abate-se 20 p. c.
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção, Rua Direita, 91—AVEIRO

N.º 38

Aveiro

EPISTOLA CHOCALHEIRA

Roubaram uma carta ao sr. Bocage, ministro dos negocios estrangeiros, e foi publicada a 12 do corrente na gazeta *La España*, folha hespanhola, que se imprime em Lisboa.

Se fosse uma carta de namoro, vá lá com Deus, tinha sua desculpa, porque não é vedado aos ministros ensaiarem olhos ternos deante d'um espelho e experimental-os contra os batalhões das beldades femininas, pugnando com brio até vencer ou morrer. O triste, o desairoso, como exemplo de virilidade é bater em retirada affrontosa deante do sexo fragil.

Mas, ai de mim, ou por outra ai do sr. Bocage, a historia é mais grave para infortunio das lettras, que já estavam á espera de Cupido entresachado em brilhaturas d'estylo; a carta roubada, *não sei de nojo como o conte* era uma carta politica, sem ser a *Magna* da Inglaterra ou mesmo a nossa tão burgueza *Carta Constitucional*.

A carta era politica e era *confidencial*. Foi porisso que se soube logo o que ella continha. Se não fosse *segredo* não tinha pilheria nenhuma.

Mesmo se a carta fosse roubada no transito dos correios, isso não espantava ninguem, o que era essencial é que desapparecesse da pasta, da gaveta ou da algibeira do ministro.

Quem seria o *pick-pocket?* Ao menos se elle como na scena de tavolagem da *Odette* tivesse deixado o seu bilhete de visita!

Mas nada, não senhores, ficou tudo ás escuras, e a culpa não é positivamente—vamos jural-o sobre os santos evangelhos—nem do sol, nem do gazometro de Lisboa.

Esta carta que preoccupa as attenções das forças vivas do paiz o que era que continha emfim?

Recommendava ao sr. ministro do Reino que vigiasse com muito cuidado as manobras de alguns zorrillistas em Portugal.

Francamente, isto é tão inoffensivo e tão natural que até podia sahir á luz em annuncio pelas esquinas, e em edital no *Diario do Governo*.

O que os srs. *emigrados* ou *internados*, *exilados*, *viajantes* ou *hospedes* hespanhoes não podem, é insultar um ministro portuguez, quando cumpre o seu dever.

O que os principios mais rudimentares da fina educação prohibem aos foragidos é calumniar um alto funccionario portuguez, chamando-se-lhe *pavo real moralmente imundo*.

Fosse eu ministro e dir-lhes-hia:

Olá srs. hospedes, viajantes, exilados, internados ou emigrados apertem as fivelas da mala e saiam da ingrata hospedaria pelo caminho do Atlantico, se não preferem capitular entre os braços das auctoridades suas patricias, que estão saudosas de lá os apanharem.

MELLO FREITAS.

MADRID

(Correspondencia particular da EPOCA)

Outubro, 16—1885.

Hoje, sim, vou dar aos leitores da *Epoca* noticias excitantes, *gordas* como aqui se lhes chama.

D. Affonso XII está gravemente doente. A phtysica progride implacavel. As hemophtises repetem-se; o estomago repele os alimentos. E o doente despreza os conselhos medicos, com a descrença da juventude. A sua pobre natureza debilita-se progressivamente, e a concupiscencia de limphatico recrudesce e acelera a catastrophe. O dr. Camison, medico do rei, ordena a immediata sahida do enfermo a buscar os beneficios do temperado clima da Andaluzia, e da viagem pelo litoral de Hespanha no Mediterraneo.

Canovas, o ministro omnipotente e despotico oppõe-se a que o rei saia de Madrid, porque teme que os partidos revolucionarios explorem essa excursão, como sendo um simptoma evidente do perigo de vida do monarcha, ou como um começo de precavida deserção.

D'ahi uma tremenda lucta palaciana entre o dr. Camison e o sr. Canovas, a qual só terminará com a provavel demissão do primeiro.

Mas, se o rei não se arreceia da doença, não lhe succede o mesmo com a revolução republicana. Assim é que ordenou a venda (ao par, por certo) dos seus titulos de divida publica; d'esta operação está encarregado um opulento marquez e banqueiro de Madrid.

Não pensa do mesmo modo a mãe do monarcha, a ex-rainha Izabel, que não esquece as suas derrotas, tanto de Alcolea como de Sagunto. D. Izabel crê na proximidade da morte de D. Affonso XII, e conspira com o partido do sr. Sagasta, para ficar com a regencia durante a menoridade da princeza das Asturias que apenas conta 5 annos. Bello sonho de vingança para uma Bourbon obesa!

Pobre Hespanha! Quem poderia dar-lhe tal regencia? As conspirações palacianas não só por parte da rainha Christina, como, e peior, por parte da ruim e violenta infanta Izabel. E não quero contar as revoltas dos carlistas e dos republicanos, porque estas são elementos permanentes do conflicto politico.

Tanto estes como aquelles se preparam para contenda proxima. O actual governo d'isso tem frequentes e certas noticias, mas crê que com expedientes vulgares, de instincto e não de principios, tudo vencerá.

Canovas, fatuo e impaciente, hade ter n'este assumpto a *decepção inesperada*, — segundo a phrase do seu orgão *La Epoca*—que soffreu com a ultima nota de Bismark sobre as Carolinas, da qual resulta que a Allemanha não reconhece a soberania de facto nem de direito sobre taes ilhas.

Madrid, na sua distração de capital alegre, está indifferente perante os perigos das presentes complicações politicas. Se falla d'ellas, é á falta de outro assumpto. Sem embargo prefere opinar pela guerra á Allemanha; é este pelo menos o parecer da *masse caponne de l'opinion publique*, como diria Racot.

No meio de tudo isto são consoladores os dois versos do phenomenal Becquer:

«Ah! barro miserable, eternamente
«No poderás ni aun sufrir.»

CARLOS FARIA.

A dotação do clero e a desamortisação dos passaes

Parece que o meu artigo sobre a desamortisação dos passaes teve a rara infelicidade de desagradar aos poucos que tiveram a paciencia de o ler. Não sei por que serie de raciocinios viu-se protecção ao clero onde se propunha um meio de contrabalançar a influencia de Roma e de fortificar a unidade e cohesão da sociedade civil.

De resto, eu sei que não é n'um dia que se varrem do espirito os prejuizos do liberalismo individualista tão pouco conformes ao conhecimento das sociedades e da natureza humana, tão profundamente destituidos de senso pratico; e será sem duvida um dos maiores trabalhos dos publicistas e homens de estado contemporaneos a reconstituição das sociedades, dando a parte devida aos elementos tradicionaes que a reforma das instituições não logrou aniquilar, e aos novos elementos que nasceram da revolução franceza e das transformações da industria moderna.

Mas esta epoca de equilibrio vem longe ainda, e entretanto imagina-se que o bem estar da humanidade depende d'uma liberdade sem limites, que praticamente é anarchia apenas, e portanto imagina-se igualmente, no caso presente, que separando a egreja do estado reduzin-se a nada a influencia do clero. Ora a

---

4 FOLHETIM

FEIA

CONTO

POR

G. DE CHERVILLE

TRADUCÇÃO

DE

M. F. Thomaz

(Conclusão)

O dr. Richter foi exacto á hora aprasada; depois de ter examinado longamente o orgão cujas faculdades estavam paralisadas, disse a M. de Chatillon que agora estava certo do bom exito.

Começou immediatamente o tratamento que consistia na applicação d'uma composição destinada a despertar a contractibilidade da iris; estas applicações succederam-se por espaço de nove dias, durante os quaes o padecente devia conservar uma obscuridade absoluta e rigorosa.

M. de Chatillon prestou-se de bastante mau humor a estas exigencias; quanto a Cecilia, estes 9 dias que deviam ainda passar-se, tinha-os acolhido como o condemnado á morte acolhe a dilação, que prolonga a sua existencia! Restam-lhe ainda e só nove dias para ser amada.

—Ah! como o condemnado á morte, conheceu as torturas do ser para quem a hora do desenlace supremo já não é um mysterio, a quem cada movimento dos ponteiros do relogio repete a sentença fatal, despedaça a alma e deixa uma angustia. A delonga, acceite como consolação, foi uma agonia.

Debalde lhe repetia Roberto todos os dias que este medico operaria como todos os outros, que cego o encontrara, cego o deixaria; ella, porém, não duvidava um só instante do bom exito, e isto sómente porque estava convencida que a sua felicidade era muito grande para não ter um fim rapido.

No mesmo dia o dr. encontrou M. de Chatillon no salão.—Tinha vindo mais cedo, Cecilia que não o esperava ainda, dera livre curso ás suas lagrimas, vendo que o instante fatal tinha chegado.

O americano notou, vendo-a com mais attenção que do costume, a mudança espantosa que as angustias tinham provocado na pobre mulher, mas enganou-se absolutamente sobre as causas da dôr que, sem querer, o tornavam seu confidente.

—Vejo, senhora, disse-lhe sorrindo, que não consegui fazer-lhe partilhar da minha confiança na cura do sr. conde de Chatillon. Felizmente chegou o instante de lhe dar mais do que simples informações; antes de cinco minutos, minha senhora, seu marido vel-a-ha tão claramente, tão distinctamente como eu a vejo.

Com esta certeza que lhe avivava dolorosamente a ferida, Cecilia lançou um grito, os seus soluços redrobaram, teve de os abafar com um lenço.

—Ah! perdão, senhora, disse o medico admirado, mas, na verdade, não comprehendi.

—Vae comprehender, senhor, exclamou a joven, amo apaixonadamente meu marido; este sentimento, até aqui, estou certo que foi partilhado; entretanto olhai-me de frente, bem de frente, doutor, e dizei se quando M. de Chatillon me tiver visto tão clara, tão distinctamente como vós, será possivel continuar a amar-me?

O americano abaixou os olhos e não respondeu.

—Ah! M.me, respondeu elle balbuciando, acreditae que se soubesse, se suppozesse...

—Se o soubesse! Ah! isso é uma injuria, doutor, exclamou Cecilia com uma violenta indignação; quando reclamei os seus cuidados para M. de Catillon, disse-lhe que se lhe desse a vista, dever-lhe-hia a vida; hoje, sabei-o bem, se fosse necessario o sacrificio dos dias que me restam n'este mundo, e ajuntar-lhe o sacrificio da minha salvação no outro, arrastar-me-hia a seus pés para lhe dizer, em nome de tudo quanto ama, cure-o, dr., cure-o!

O dr. estava visivelmente commovido, procurou consolar a joven, mas cedendo a uma inspiração repentina, lançou-se no quarto visinho, e voltou trazendo o berço em que dormia a pequena Bertha.

Depois sahiu de novo.

Um minuto depois appareceu, trazendo pela mão M. de Chatillon, que tinha os olhos cobertos com uma venda.

Levou-o para o meio da salla, collocou-o diante d'uma janella, e com gesto rapido tirou-lhe o lenço. Houve um momento de indescreptivel angustia para os tres personagens, Roberto, deslumbrado, cambaleava; apercebeu o berço.

—Minha filha! exclamou com transporte, não morro sem ter contemplado os traços de minha filha! Mas Cecilia, onde está Cecilia? ajuntou cheio d'angustia.

Responden-lhe um gemido. A pobre mulher, ajoelhada por traz do abrigo que lhe havia indicado o doutor, tinha feito um véo com suas mãos.

—E tu, minha querida Cecilia, disse Roberto, inclinando-se para sua mulher, tambem te quero vêr!

—Não, não, Roberto, não me olhes, peço-te; mas eu não te enganei, disse-t'o, preveni-te, sou feia!

—Feia! exclamou o mancebo, a mãe de minha filha póde lá ser feia!

Ao mesmo tempo, Roberto de Chatillon, separando as mãos de sua mulher, cobria de beijos o seu rosto, entretanto que o doutor se assoava ruidosamente para conter á nascença uma lagrima, que comprometteria o seu fleugma de *Yankee*.

FIM

mim parece-me que ainda que o estado tirasse toda a protecção á egreja, ainda que as suas relações se cortassem de vez, nem religião nem clero haviam de desapparecer.

Vejamos. Sem agora discutir se a religiosidade characterisa a especie humana e a differencia de todas as outras especies animaes, como pretende Quatrefages, eu pergunto se a historia regista algum caso d'uma sociedade ao mesmo tempe adiantada em civilisação e sem religião alguma. «A ausencia de toda a idéa religiosa foi muitas vezes constatada entre os australianos, entre os indigenas das ilhas Salomon (Perty); na Africa entre os mpongwes (J. Leichton, missionario); entre os cafres (Rev. G. Brown); entre os esquimos (Whitebourne, Ross); entre os veddahs de Ceylão (Sir Emerson Tennent), etc. A Biblia mostra-nos a crença em Jehovah em vigor entre os judeus, mas Farrar prova por um bom numero de versiculos biblicos, que por muito tempo a noção da immortalidade da alma foi desconhecida do povo de Deus.» (Letourneau, *Science et Materialisme*). Encontramos ainda tribus sem religião na China, no Tibet, na Tartaria e na Mongolia e encontrou-as tambem Nordenskjöld na sua viagem ao polo do norte.

Póde ser que de futuro a evolução das socidades tome differente rumo mas até hoje a religião e a civilisação tem tido desenvolvimento paralello.

A ausencia completa de sentimento religioso coincide sempre com um estado primitivo de civilisação e á maneira que esta se vae desenvolvendo vae crescendo em grandeza e intensidade o sentimento religioso. E' isto o que nos ensina a historia e o que nos dizem os naturalistas e viajantes.

Ora dada a existencia da sentimento religioso elle hade tender necessariamente a revestir uma fórma concreta, pois só quem desconhecer inteiramente a natureza humana poderá negar que todo o pensamento procura converter-se em acção, todo o sentimento procura converter-se n'uma realidade concreta. D'aqui o culto e o clero que sempre acompanham a existencia das religiões.

E, pois que nas sociedades civilisadas tem de haver religião e clero, e nada nos auctorisa a julgar que este estado desapparecerá tão cedo, eu pergunto agora se vale mais fazer de toda essa classe um inimigo da sociedade civil, se proceder de fórma que no espirito do clero o amor á prosperidade da sociedade civil se avantage e domine o amor ao engrandecimento da egreja. Esta é a questão, e confórme a resposta que cada um lhe dér consequentemente desejará ou não que o cura seja ao mesmo tempo ministro da religião e proprietario, padre e cidadão.

Parece-me fóra de duvida que o clero nunca poderá attender ao bem d'uma sociedade a cujos interesses fôr completamente alheio e que o melhor meio de combater o espirito clerical será não excluir o padre da sociedade civil, mas affeiçoal-o aos seus interesses e ao seu espirito. E o melhor meio de o educar n'este sentido será fazel-o proprietario.

Era esta a opinião de Tocqueville e de Cavour. Já o disse no meu primeiro artigo e repito-o agora para que se não julgue que vae n'isto menos amor á democracia ou uma idéa exotica destituida de base historica e de conhecimento da condição social do clero. Ressuscito uma idéa apontada por dois dos homens a quem a democracia mais deve pois não conheço quem na divulgação das idéas e instituições democraticas tivesse influencia superior á sua; digo superior, porque outros houve que a tiveram igual.

Deverei advertir que esta questão nada tem com a separação da egreja do estado. Todos sabem que foi a parochia e as doações particulares que constituiram o passal e que o estado nada teve com isso. Do que agora se trata é da melhor maneira de combater o espirito clerical, ou o clero seja pago pelo estado ou pelas agremiações particulares.

Não é desligando todos os elementos sociaes que se hade fazer mais pela prosperidade da sociedade; pelo contrario, fundindo-os e subordinando-os é que poderemos constituir um forte espirito de solidariedade. A politica deve ser um equilibrio das forças sociaes concorrentes e não o predominio alternado e exclusivo de qualquer d'ellas.

JAYME DE MAGALHÃES LIMA.

RIO DE JANEIRO

(*Correspondencia particular da EPOCA*)

Summario.—Trindade de macrobios—Elogios a um Brito Capello.—Photographo portuguez, que se abalisa.—A liberdade d'um escravo ganha pela valentia das pernas.—O lazareto de Lisboa na berlinda.—Ai dos emigrantes!—Victimas e algozes.—Accordem o governo da ditosa patria minha amada.—O que é roubo e o que é alcance.—Echos do patriotismo hespanhol.—Protecção ás donzelinhas.

O primeiro logar aos veteranos.

Falleceu em Pelotas com 105 annos um habitante da Varzea, a quem chamavam o *velho Soares*. Não era velho, era velhissimo. Sua consorte tem a bagatella de 108 annos.

Tal noticía o *Jornal do Commercio* de 15 de setembro.

No dia 12 d'este mez, declara o *Diario de Noticias* da mesma data, falleceu nas Escadinhas do Livramento, n.º 6, com 116 annos Ludovina Maria da Conceição, d'esta côrte.

O *Monitor Campista*, esse vae mais longe, em novidade que o *Paiz* de 14 d'este mez transcreve, affirma que se enteiriçou na Paciencia, com cerca de 150 annos o celebre africano *pae Antonio* conhecido por *vira folha*. Era dado á feitiçaria, e bem o mostrou por viver tanto tempo.

No dia 6 do corrente o sr. 1.º tenente Adolpho Pinheiro, director do serviço meteorologico e magnetico fez em presença do Imperador, do conde de Eu (que não sou *eu*) e de numeroso e selecto auditorio uma conferencia scientifica. Tractou:

1.º Do desenvolvimento e progresso da meteorologia, desde 1821 com a descoberta do movimento giratorio e progressivo das tempestades por William Redfield, de Nova York, até hoje, assignalando a influencia exercida pelos congressos de Vienna em 1873, e de Roma em 1879, na marcha d'este desenvolvimento.

—

2.º Da organisação methodica e economica do serviço meteorologico e magnetico em Portugal, tecendo os maiores elogios a seu director, o capitão de mar e guerra Brito Capello, que tem conseguido, nas modestas proporções do estabelecimento, eleval-o ao gráo da maior consideração pelos notaveis serviços, que já está prestando á sciencia, navegação e agricultura.

—

3.º Da creação do *Seewarte*, repartição meteorologica, de Hamburgo, uma das melhores da Europa, que se occupa da meteorologia, magnetismo, formação das cartas meteorologicas do hemispherio norte, e estudos sobre os chronometros da marinha e seu regulamento,

4.º Dos methodos, que reputa imperfeitos, empregados cá para regular as bussolas, expressando a esperança de em breve o Brazil possuir uma estação magnetica em que se faça este serviço com precisão.

Insley Pacheco, photographo portuguez expõe aqui com exito os novos retractos *Excelsior*.

Consiste em um processo pelo qual se faz a impressão sobre porcellana, vidro transparente ou opaco e *papel-porcellana*.

O retrato ganha enormemente em belleza e relevo, podendo ser impresso em *fumo* ou colorido, com a durabilidade *eterna*, pois que é refractario á acção da luz e da humidade, apezar de não passar pelos fornos do esmaltador.

Visto de alguma distancia, o aspecto d'essas photographias é semelhante a um pequeno busto esculpido, tal é o relevo que apresenta.

Toda a figura está cercada de ar e as dobras dos vestuarios são tão vivas, que illudem ao primeiro relance.

No dia 8 á tarde exhibiu-se no hyppodromo de Campinas um andarilho muito conhecido em Portugal—o sr. Achille Bargossi.

O interesse todo esteve em que Theodoro, negro pertencente a Joaquim Lopes Coelho, disputou carreira ao terrivel andador, e aos saltos e upas perdeu apenas por 50 metros, nas 20 voltas que representavam 4 leguas e meia.

O denodo do valente preto começou a desafiar a philantropia do povo da 17.ª volta em diante.

Alguns cavalheiros procederam a uma collecta para a liberdade de Theodoro e em um instante a somma recebida attingiu — reis 487$640.

O povo acclamava-o estrepitosamente.

A corrida durou 2 horas e 20 minutos.

A' tarde a subscripção subiu a 1 conto de reis que era o preço da alforria (tanto como uma parelha de cavallos de fina raça!) e quando anoiteceu teve manifestação: uma facção popular precedida de banda de musica percorreu com o *Novo-Bargossi* muitas ruas da cidade, dando vivas, como se elle fosse o vencedor de um pleito eleitoral na America do Norte.

E assim terminou aquella festa, que deu a liberdade a um pobre escravo.

A *Gazeta de Noticias*, a 12, publicou retalho de epistola que descreve e maltracta de palavras, com varias sensaborias, o lazareto de Lisboa.

Como isto não constitue *casus belli* e nem prejudica o negocio do café e o cambio, vamos tambem copiar a nesga furibunda:

«E' absolutamente uma prisão; os «quartos são menos asseiados e me«nos confortaveis que os do hospicio «que v. me fez visitar na praia Ver«melha. A sala de passeio, de 14 me«tros sobre 23 (medi-os eu), offerece «como horizonte quatro paredes de 10 «pés de altura. Por cima dos quartos «ha um terraço, de onde se vê o rio, «mas onde não ha sombra: é impossi«vel lá estar durante o dia.

«A' noite ha mosquitos, mas não «ha cortinados; e além de tudo isto, o «lazareto tem um regulamento cheio «de disposições, cada qual mais pueril, «mas severamente executadas.

«Para conversar com as visitas, a «tres metros de distancia, põe-se o «paciente em gaiolas de macacos, en«feitadas de grades de arame, e fica «alli á vista um guarda, naturalmente «para impedir que a gente passe pelos «buracos.»

Este macacão, que correspondeia para as terras luso-americanas, que do pau Brasil se chamam *brasilicas*, com o que deu sério cavaco foi com as *gaiolas de macaco*. Ha uns tantos informadores que era melhor não cançarem a tinta com os seus dislates.

Das bellezas dramaticas da immigração á custa dos habitantes da ilha da Madeira, falla o dr. Martinho Prado, na sua carta á Directoria da Sociedade Central de Immigração.

Ferozes agentes arrebatam colonos, separando-os dos filhos na occasião do embarque violento. Leia-se e indignem-se:

«O facto é gravissimo, talvez o «mais escandaloso que se tem practi«cado como abuso em relação a immi«grantes, convindo que se divulgue o «mais possivel, pedindo ao governo «portuguez providencias energicas con«tra esses miseraveis traficantes de «gente livre.

«Felicito-me por ter descoberto esta «atrocidade inqualificavel.....

. . . . . .

«Prometteram trazer todos os filhos e na occasião do embarque quando as bagagens já estavam a bordo é que intimaram para que esses filhos ficassem, pretextando trazel-os em pouco tempo e dizendo-lhes que assim encontrariam muito bom emprego com menor numero de filhos.»

E o governo portuguez o que faz? Dorme? reclama? passou o rio Lethes?

Façam favor de me explicarem o que é que elle faz.

Já sabem o que, ácerca do roubo do consulado portuguez, aqui succedeu na denuncia contra o visconde Wildik, ex-consul de Portugal no Rio e contra Francisco Brandão de Castro, thesoureiro do consulado?

O desembargador Calmon não acceitou a denuncia porque os cofres que foram saqueados estavam abertos sem violencia e as chaves ficaram em poder dos denunciados; assim:

Considerando que, excluido o elemento da violencia feita á cousa, não ha logar a classificação do roubo, e consiste o crime arguido em terem-se os denunciados apropriado de dinheiros a seu cargo, ou terem-nos consumido, extraviado ou consentido que outrem os houvesse para si, consumisse ou extraviasse: o que attenta a qualidade de empregados publicos, constitue peculato, qual o definem o art.º 170 d'aquelle codigo; e parallelamente o art.º 313 do codigo criminal portuguez.

. . . . . .

Considerando que o peculato, pelas condições em que é praticado e qualidade dos delinquentes não se reputa crime individual, mas de responsabilidade;

Considerando que, pelo art. 17 do Decreto Imperial n.º 885 de 8 de novembro de 1851, os funccionarios consulares estrangeiros só nos delictos individuaes são sujeitos á jurisdição das auctoridadss do Imperio; e que em consequencia pelos crimes de responsabilidade respondem ante os tribunaes de suas nações; etc., etc., etc...

as auctoridades portuguezas que castiguem como entenderem, se é que alguma cousa entendem.

O patriotismo hespanhol assarapantou-se com Bismarck querer estender a unha das suas esquadras allemãs sobre as ilhas Carolinas.

N'esta epidemia do patriotismo formaram-se em Montevidéu commissões encarregadas de collectar fundos, que serão enviados á Hespanha, no caso da guerra provavel entre aquella potencia e a Allemanha.

Um forte capitalista offereceu 20.000 pesos fortes.

A subscripção, no dia 8 d'este mez, já tinha ultrapassado a quantia de 150.000 pesos fortes.

O dr Miguel Garbizo offereceu os seus serviços medicos e um milhão de reales. Eis a carta que acompanhou esta generosa e patriotica offerta:

«Ex.mo sr. D, Manoel del Palacio. —D. Miguel Garbizo, dr. em medicina e cirurgia, antigo medico da armada, commendador da real e distincta ordem de Isabel a Catholica, ex-deputado republicano pela provincia de Madrid, ex-protector do hospital do Bom Successo, de Madrid, nomeado pelo ex.mo sr. presidente da Republica D, Francisco Pi y Margall, pede a v. ex.ª licença para volver ao seu posto de medico da marinha e offerece doar á patria um milhão de reales para que possa ella combater as exigencias do Imperio Germanico=*Miguel Garbizo*.

Os escandalos de Londres commoveram as senhoras de Buenos-Ayres que vão formar uma sociedade destinada a emprehender campanha moralisadora, arrancando á perdição muitas menores seduzidas para repasto da concupiscencia, em varias casas de tolerancia.

E' uma cousa que se não prima pela imaginação, roça pela virtude.

PHANTASMA.

GUERRA JUNQUEIRO

Dois artigos independentes. Um contendo leves apreciações e referencias da vida do poeta, e outro em que, como sabemos e podemos, se analysa o volume denominado VELHICE DO PADRE ETERNO.

1.º ARTIGO

O distincto poeta, a quem se fez simplesmente justiça, se se lhe chamar o primeiro poeta portuguez do anno da graça e desgraça de 1885, teve a amabilidade de me offerecer um exemplar da sua ultima obra.

Fui condiscipulo d'elle nas aulas da Universidade. Era o *numero 1* do curso e, depois do barrigudo bedel Pinto com o seu calção e meia preta, sapato de fivela e collarinhos com rendas brancas, apontar as faltas aos retardatarios e refractarios ao estudo, o Guerra Junqueiro, que tambem se chama Abilio, descia sorrateiramente os degráos do amphitheatro e encobrindo-se com a sombra bojuda do bedel esgueirava-se mansamente para os geraes ou ia dar a sua volta de cavaco pela rua do Infante D. Augusto, talvez scismando em ridentissimas hyperboles, talvez distribuindo pela aragem algumas estrophes inspiradas.

No 2.º anno da nossa carreira juridica o dr. Emygdio Garcia, com a sua pera ponteaguda foi mandado que substituisse o dr. Seiça na regencia da cadeira de Direito Publico.

Cada dia de prelecção era uma estupada de *biographias* de publicistas com uma lista das obras respectivas, e um rapido vôo d'analyse sobre a materia dos capitulos, analyse que parecia antes uma resenha, especie de summario de livreiro-encadernador onde os assumptos appareciam expostos perfunctoriamente para se não cançarem nem o professor nem o sebenteiro, nem os discipulos.

E tanto assim era, que um meu camarada affirmava com bastante chiste que se o chamassem a dar licção havia de dizer apenas: *que o deixassem em paz porque nunca gostava de se metter «em vidas alheias.»*

N'esta exposição oral de *biographias*, coube a palavra ao Guerra Junqueiro ácerca do maravilhoso *Kant*, o philosopho de Kœnisberg.

Foi uma licção esplendida, cheia de gracejos, de afiadas zombarias, repleta de informações notaveis, e de critica delicada, entretecida n'uma eloquencia agradabilissima.

Mais tarde corria o quarto anno de direito; era professor o santo dr. Mexia Sallema, que ensinava direito ecclesiastico, e a quem por esta circumstancia, e pela sua bondade excepcional nós todos chamavamos o *divino mestre*.

Guerra Junqueiro, na sua qualidade de *n.º 1* houve de dar a primeira licção do curso. Atirou-se á sociedade ecclesiastica, e salpicou-a de pilherias, lardeou-a de conceitos, e teve a admiração de todos nós que pasmámos da facilidade com que elle brocava instituições seculares, derruindo-as á gargalhada.

Um padre, meu condiscipulo, José Lapa Fernandes Manuel, laureado *d'accessits* pediu logo para rebater aquellas perigosas phrases que estavam minando o solio dos pontifices, e que abalavam os castellos de nuvens em que Deus e a corte celeste se assenta, em quanto o Universo soffre. O dr. Mexia ao escutar a resposta theologica do illustre premiado, atalhou-lhe o impeto fogoso, advertindo-o com mansidão:

—Sr. Lapa, quando hontem o o sr. Guerra Junqueiro, em estylo tão rendilhado fez aquella licção, que eu, confesso, ouvi com tanto enlevo, deixei-o fallar com toda a liberdade de exposição, sabe porque? porque sempre julguei que elle mesmo na nossa presença se entretinha a *fazer versos*.

Isto refiro eu, como preliminar obrigado, para explicar a valia da offerta, que me foi dirigida, e para se ficar sabendo que a feição poetica do talento do illustre auctor da *Morte de D. João* brotou muito cedo n'aquelle espirito brilhante, que, sem treguas, na pureza immaculada da sua alma, se tem conspirado contra todas as prepotencias, conseguindo manietar ao pelourinho das suas imagens sonorosas os vicios e os crimes.

Sabe demolir, mas chora sobre as ruinas. São estas lagrimas, que o tornam sympathico aos leitores. Ninguem o toma por um maldicente ou por um anarchista, todos no silencio da consciencia applaudem o temerario que se fere nos espinhos do seu trilho aerio, sem que discrepe no vôo, sobre o valle das miserias da humanidade, embora se atordoe de compaixão com os clamores e soluços de tantos desgraçados. Deseja construir um tempo de justiça, e as suas blasphemias, que batem de frente os idolos, esmigalham as superstições, o fanatismo, a intolerancia, a exploração, as torpezas e respeitam a crença sincera, teem gritos lancinantes em prol dos simples, e a candidez da sua alma espalha flores sobre todos os que padecem, canta alvoradas de luz, bemdiz o progresso, construe palacios radiantes habitados de esperanças, faz da vida um sonho, de cada sonho um cantico. Não empallidece com as crepitações rubras dos trovões, nem com o rugir das ameaças que fermentam em sacristias, ou nos antros hereticos e lugubres da asneira, elle sabe que é mais forte do que os preconceitos, despreza os vermes hypocritas, e entre hymnos de horror e espanto quebra com o clava diamantina do seu plectro os monstros, os carrascos, os traidores, e os tiranos, abatendo sobre as feras o armazem damninho onde se acoitam, e d'onde expluem as suas raivas, e as suas excommunhões.

Não é a arvore maldicta, cuja sombra empesta o sitio da sua nascença não vai com as raises execrandas conspurcar o manancial, onde sorve o alento da sua seiva, é um vidente que almeja o paraiso, e que caminha infatigavel para a terra da promissão.

Da abobada infinita cahem fructos damninhos; desprendem-se das nuvens as saraivadas e o raio, o aerolitho e a tempestade, mas é ali no céu azulejado, onde reverberam os clarões do sol, que o famoso lampadario se accende, e é no engaste da amplidão que as estrellas florescem.

As farçadas, as artimanhas sinistras, e a immundicie, o enxurro da devassidão, e da velhacaria são as victimas da lyra arquejante e singular que só tem piedade para a afflicção em que se contorce a nobreza de caracter, para a agonia onde muitas vezes escabuja n'um supplicio sublime a virtude e o bem.

Guerra Junqueiro tinha 14 ou 15 annos quando publicou um folheto que era a sua estreia litteraria. Esta primicia não foi ancia baldada. Alli apparecem já os defeitos das suas qualidades: um grande arrojo de fórma que então, na corrente da moda, se tornou arma de combate na escola de estylo coimbrão.

Era no tempo em que Anthero do Quental na sua carta *Bom senso e bom gosto* dirigida contra Antonio Feliciano de Castilho bradava em defesa:

«O que se ataca na escola de Coimbra não é uma opinião litteraria menos provada, uma concepção poetica mais atrevida, um estylo, uma ideia. Isso é um pretexto apenas. Mas a guerra faz-se á independencia irreverente de escriptores, que entendem fazer por si o seu caminho sem pedirem licença aos MESTRES, mas consultando só o seu trabalho, e a sua consciencia.»

Foi um periodo de lucta.

Depois seguiram-se, que eu saiba as *Vozes sem echo*, que passariam desapercebidas se não tivessem por corôa a *Morte de D. João*, esplendido poema, que obscureceu de repente o *D. Jayme* de Thomaz Ribeiro, pela sublimidade do estro, pelo colorido da ideia, pela superior concepção das imagens cheias de grandeza, pela abundancia das comparações que pollulam em cada verso, pela novidade da fórma, que é a d'um discipulo confesso de Victor Hugo e emfim pela satyra e lyrismos alternados, que nos levam de surpresa em surpresa como nenhum poeta actual das duas gerações, conseguira, com tanto alento, alcançar e produzir.

Entretanto ao colher dos louros da victoria, e depois de publicar *A musa em ferias*, pagava o seu tributo á burocracia, embrenhando-se nas cogitações administrativas do seu logar de secretario geral, em Vianna do Castello, e casava-se deixando o emprego em que se vira contrafeito e algemado.

N'este intervallo audacioso e se a veia se não estancava, e se, nervoso e saccudido pensava, martellava, e cinzelava ideias poeticas, vestindo-as opulentamente em magnifica roupagem de phrases, é certo que a sua saude abruptamente compromettida lhe não consentiu por 4 annos assiduidade de trabalho.

Nasceu-lhe em tão melindroso ensejo uma outra paixão violenta: —a da *bric-á-brac* a todo o transe.

Correu o paiz em busca de tapessarias levantinas, comprou moveis antigos, velhas molduras artisticas e exoticas, productos de ceramica oriental, creio que palimpsestos, e amuletos, extasiando-se perante as riquezas que soube cumular sem que afrouxasse ainda na cubiça de novas acquisições.

«Volvendo a saude, voltou o «trabalho. O trabalho nasce es«pontaneamente da alegria, como «um fructo nasce espontanea«mente d'uma flôr.» E' o poeta que o declara em nota da *Velhice do Padre Eterno*.

E foi assim que dando alor a um poema: —*A morte do Padre Eterno*—dos accessorios e maravalhas, que o cepilho ia retalhando em fitas, urdio uma collecção de poesias que enlaçou n'um volume com o titulo *Velhice do Padre Eterno*.

MELLO FREITAS.

NA DESCRENÇA

* * *

Mereces-me, disseste. O sol ia subindo
o largo ceu azul, sem manchas e sem bruma.
Olhavas-me, e eu olhava o teu sorriso livido...
e o mar partiu ao longe uns vagalhões de espuma.
.....
Perdeste-me, disse eu. A noite ia descendo
triste como um gemido inerte que desmaia.
Olhei-te, e tu... fugiste! E o mar escurecendo
chorava a minha dor, exangue sobre a praia.

Aveiro, outubro de 1885.

FIRMINO DE VILHENA.

COMMUNICADO

O sr. Silverio de Magalhães pede-nos a publicação da carta que se segue:

—

MEU BOM FIRMINO

No meio de todas estas amarguras, que o teu bondosissimo coração bem tem comprehendido, consolou-me assombrosamente o facto que sómente por um impulso nobilissimo da tua grande alma se poderia praticar.

E' talvez já tardia, meu bom Firmino, a minha humilde saudação, mas nem por isso deixará ella de traduzir eloquentemente as impressões, que senti, quando tive noticia do que tinhas arrancado ás ondas, sustentando uma lucta gigantesca, uma pobre mulher, que era arrastada voluptuosamente por essa corrente que nos leva, sem que ás vezes nos seja possivel a salvação.

E essa mulher que se via irremediavelmente perdida e sem esperanças de voltar á terra, deixando para sempre todos os que lhe eram estremecidos, calculo meu bom amigo, a alegria que lhe devia innundar o seio quando viu perto d'ella um coração que se tinha aberto ao maior e mais elevado dos commettimentos!

Eras tu, que não pensando nas lagrimas e nos soluços, que te seguiam os movimentos, cortavas denodadamente as ondas, ébrio d'amor e de commoção para ires arrebatar á voragem que se erguia, uma santa creatura, que lá ficaria sepultada, se não fosse o teu coração de heroe, que nunca te atraiçoára.

E julgas-te tu infeliz?

Ah, meu bom Firmino, a vida é assim. Aqui colhem-se flores, acolá colhem-se espinhos.

E n'este campo estás tu.

No mar procelloso, que vamos atravessando, uns melhores, outros peiores, tu entras indubitavelmente nos primeiros, porque todos os teus actos te engrandecem e te collocam a par dos que ainda hoje comprehendem os grandes sentimentos de abnegação e de heroecidade!

O acto que praticastes, honra-te e honra os teus amigos.

E eu, que sou talvez o ultimo d'elles, quero tambem compartilhar das tuas glorias, embora d'ellas me caiba uma pequena parte.

Abraça estreitamente o
Teu amigo verdadeiro,

Aveiro, 14—9—85.

Silverio de Magalhães.

SALA DE VISITAS

Fez hontem annos o exm.º sr. dr. Manuel Pereira da Cruz.

Fazem annos

Hoje a exm.ª sr.ª D. Graziella de Vilhena.

A 24 o exm.º sr. dr. Antonio da Maia Mendonça.

A 25 a exm.ª sr.ª Conceição Pereira Serrão.

A 26 a exm.ª sr.ª D. Maria Corina d'Antas da Costa Basto, e o illm.º sr. Evaristo Ferreira d'Araujo Soares.

A 27 a exm.ª sr.ª Maria das Dores Pereira Serrão.

A 29 a exm.ª sr.ª D. Thereza de Jesus Moreira.

ANNIVERSARIOS

A 23—Naufragio do vapor *Nathalie* na praia do Moranzel em 1880.

A 26—Morte do revd.º Padre José Joaquim de Carvalho e Goes em 1869.—Casamento do exm.º sr. João da Silva Mello Guimarães em 1878.—Morte de Domingos Alberto Mourão em 1881.

A 28—Grande romaria de Nossa Senhora do Rosario em 1883.

BIBLIOTHECA

Temos recebido as seguintes publicações:

SARGENTO-MÓR DE VILLAR—4.º fasciculo. Vai a pag. 256. Editor E. Costa Santos, Porto. O romance é bom, a edição é boa; que mais querem os leitores?

OS MISERAVEIS, por *Victor Hugo*. Fasciculo 5.º Editor E. da Costa Santos, Porto.

Obra primorosa: d'auctor, de traductor, de gravuras e de impressão.

GRANDE DICCIONARIO CONTEMPORANEO, *portuguez-francez e francez-portuguez*, de Domingos de Azevedo. Fasciculos 12 e 13.

E' em meu conceito—sabio, abundante, e ensina muito bem a pronuncia. Cabe todo o elogio ao editor Antonio Maria Pereira, Lisboa.

DICCIONARIO UNIVERSAL DE EDUCAÇÃO E ENSINO de *Campagne*. Caderneta n.º 13.—Editora casa Chardron.

E' obra muito util á mocidade de de ambos os sexos, ás mães de familia, aos professores, aos directores de collegios e alumnos. E' um extracto de bons livros, substancioso e claro, d'utilissimo proveito a quantos desejam instruir-se.

ROSICLÉR. Pequenino quinzenario litterario, sob a direcção de Manuel de Moura e Alvaro Mendes.

Ali faz estreia um nucleo de poetas portuenses. E' um jornal que talvez se converta n'um cofre de joias.

MELLO FREITAS.

RESENHA TELEGRAPHICA

* Receios de guerra entre Inglaterra e Brimania, 15 mil brimans ameaçam fronteira ingleza. A 14.

* Austria concentra em direcção Novibazar dois corpos de exercito. A Servia tem 100 mil homens mobilisados. A 15.

* Despachos de 15 dizem que o governador de Fernando Pó e a sociedade africanista hespanhola occupou terrenos suduoeste de Africa. Grevy diz-se acceitar a sua reeleição.

* Capello e Ivens agraciados pelo rei de Hespanha, a 1.º com gran-cruz merito naval, o 2.º com a de Isabel a Catholica. Tropas governo do Perú derrotáram em Cajarmanca 1800 soldados do general Caceres. A 16.

* Chega governador Custodio Borja, traz os pormenores da occupação da Dahomey, comprehende as cidades de Cotonuna, a leste, Godomey, Choerequité e Ajudá, intermedios de pescaria a oeste, o territorio e porto de Zomai, ficando arvorada bandeira portugueza, e delegado de Portugal no protectorado o tenente-coronel de segunda linha João Felix de Souza; e do territorio portuguez de Zomai o major de infanteria do exercito do continente Cortez Silva Casado. O governador communicou isto aos consules estrangeiros d'aquellas paragens; Confirmado que rei de Dahomey se obrigou perante juiz Meirelles a abolir os sacrificios humanos. A 17.

* Eleições em França dão á nova camara 382 deputados republicanos e 202 reaccionarios. Despachos russos affirmam que a guerra entre inglezes e russos está apenas addiada. Perseguição christãos em varias provincias China. A 19.

* *Jornal de Paris* diz que Portugal de accordo com França occupou Dahomey—Grevy acceitou demissão dos ministros derrotados nas eleições. A 20.

* Despachos de 20.—Questão Carolinas não póde ser decidida antes do fim do anno, dizem de Roma. Suppõe-se que a questão bulgara poderá harmonisar-se, dando-se compensações territoriaes á Servia. Insiste-se n'uma nova conferencia de embaixadores.

* Tumultos em Compenhague; receia-se revolução se ministerio se não demitte. A 21.

CHRONICA LOCAL

Estadas, visitas, regressos e partidas

Está em Leiria a ex.ma sr.ª D. Maria Luiza Monteiro Pereira da Silva.

—Partiram para a Torreira, o sr. dr. Venancio Dias de Figueiredo Vieira e o sr. Vicente Coelho de Magalhães, proprietarios d'Eixo.

—Para Coimbra o sr. José Fernandes Mourão.

—Veio da Costa Nova o sr. padre José Candido Gomes Vidal.

—Esteve n'esta cidade o sr. João Theophilo da Costa e Goes.

—Passou no sabbado para Lisboa o nosso amigo sr. Francisco Augusto da Fonseca Regalla.

—Vieram d'Espinho o sr. secretario geral Manuel Joaquim Massa, e dr. Manuel Nunes da Silva.

—Regressou de S. Jacintho, o sr. Manuel Ferreira Correia de Souza.

Omissão imperdoavel

Em o n.º 37 da *Epoca* esquecemo-nos de mencionar o sr. Marques Gomes entre as pessoas que d'aqui acompanharam Capello e Ivens até ao Porto.

Incommodado

Está o nosso amigo o sr. dr. Manuel Pereira da Cruz.

Obitos

Falleceu hontem o sr. major Francisco José Ferreira.

Morreu na Villa da Feira o sr. Luiz Candido da Silva Leite, escrivão da administração.

Fallecimento

A 10, morreu na Murtoza, o sr. João Maria Amador, tio dos srs. Manuel, João, Silverio, e Antonio Augusto Amadores. A toda a familia os nossos pezames.

Cavallaria 10

Para cavallaria 2 vai o sr. alferes Alcobia da Silva. De cavallaria 5 vem o sr. alferes Ascenção. Para o cordão sanitario vai o sr. alferes Alegria.

Ponte sobre o Vouga

Parece que d'esta feita sempre tratam de a fazer, ligando Alquerubim á Ponte da Rata.

Festa

No extincto convento das Carmelitas, a 15, pregou o elogio de Santa Thereza de Jesus o sr. Alves Mendes. Foi celebrante o sr. Bento Rodrigues.

E' escusado dizer que o sermão foi muito bom.

Bazar em Anadia

A 25 do corrente, em beneficio da associação de beneficencia e montepio.

General Aveirense

A 17, falleceu repentinamente em Lisboa o sr. João José de Oliveira Queiroz, general de brigada reformado. Prestou serviços ao paiz como militar. Tendo sentado praça aos 15 annos, combateu nas linhas do Porto, fez parte da divisão auxiliar a Hespanha, esteve com a junta do Porto. Foi alguns annos para o ultramar, onde desempenhou o cargo de governador de Tete e commandou a primeira expedição contra o *Bonga*.

Como politico militou sempre com denodo no partido progressista, ao qual foi sempre lealmente devotado. Administrou os jornaes *Gazeta do Povo*, *Paiz*, *Progresso*, e ultimamente o *Correio da Noite*.

SÓ DUAS NOTICIAS

Novo auxiliar do salão

São as raizes de luzerna fervi-

dos durante meia hora em agua da fonte, sendo depois pisadas e amassadas.

Produz não só uma grande economia de sabão no governo da casa, mas fornece-me ao mesmo tempo excellente materia para fazer a barrella: substitue com vantagem as cinzas de que de ordinario se servem para ella.

A dinamite em bem
A maior explosão artificial realisada até hoje

No dia 10 fez-se o quebramento d'um rochedo enorme, á entrada da bahia de New-York, chamado Flood Rock *(porta do inferno)*. Foi um trabalho collossal, verdadeiramente americano, basta dizer que se empregaram, para produzir a explosão, *trezentas mil libras de dinamite*, tendo sido o rochedo previamente brocado em todos os sentidos.

Quando a mina-monstro rebentou, ergueu-se uma columna de agua de 150 a 200 pés, tumultuou-se o mar n'uma enorme extensão, e a terra tremeu até á distancia de muitas milhas. Parecia que tinha morrido Jesus Christo. Não houve, porém, catastrophes ou desmoronamentos.

E quem produziu esta explosão medonha foi uma *creança* de onze annos, filha do general Newton, carregando com o seu dedito rosado no botão d'um apparelho electrico!

Ora vão lá dizer que *ex digito gigas*!

QUADROS MILITARES

Torpedo Bunnau

O governo inglez comprou por 450 contos ao engenheiro Bunnau o segredo de um torpedo.

A nova machina de destruição não é automovel, mas recebe a sua força motora d'uma machina collocada em terra, ou a bordo de qualquer navio, com a qual está em communicação por meio de fios envolvidos em pequenos tornos, collocados dentro do torpedo.

As correntes electricas regularizam a marcha, pois os tornos produzem o movimento de impulsão para deante. Póde marchar assim 2 kilometros.

Balões de guerra

A 23 de setembro, os directores do atelier de Meudon fizeram experiencias concludentes.

O aerostato, tripulado pelos capitães Paulo e Carlos Renard e por mr. Duté-Poitevin, aereonauta civil addido aos estabelecimentos de Chalais, elevou-se do bosque de Meudon, pairou durante alguns instantes, mudando de direcção á vontade dos seus conductores para, depois das quatro horas e meia, dirigindo-se directamente para o norte, chegar em poucos minutos acima da gare de Meudon.

Proseguindo em seguida o seu caminho, o balão passou sobre o Sena na altura da ilha de Billancourt, parando na Point-du-Jour, d'ali o aerostato virou, dirigindo-se novamente para o bosque de Meudon. Tinha então o vento por auxiliar; e por isso a distancia que separa aquelles dois pontos foi transposta em poucos minutos. A's seis horas o aerostato chegava ao ponto de partida descendo sem oscilações, justamente no meio do parque.

Não sei que descobertas deixará este seculo ainda de fazer. Ah já sei, é capaz o mesmo seculo de se esquecer de nos descobrir assignantes para *A Epoca*, o que sobremodo nos penalisa.

A sciencia de matar

Grande barulho com a descoberta d'um novo meio de destruição.

O capitão do porto de Oran, mr. Coudray, inventou uma *bala-torpedo* que parece produzir muito mais effeito do que os mais aperfeiçoados systemas de torpedos até hoje conhecidos.

Parece que esse novo systema está destinado a inutilisar as esquadrilhas de torpedeiros de que todo o mundo bellicoso se estava armando. Isto é o suicidio da humanidade em *peso* e feitio!

A' cautella

O ministerio da marinha hespanhola creou uma secção de operarios torpedeiros para o entretenimento, conservação e fabrico do material dos torpedos Whitehead.

EMULSÃO SCOTT

Mães, se tendes filhos delicados, que por falta de appetite estão doentes e enfraquecidos, deveis dar-lhes a *Emulsão de Scott*, que é agradavel ao paladar e lhes agrada muito. E' maravilhoso vêr como engordam e como lhes sabe bem. Os medicos dizem que não ha remedio tão nutriente e reconstituinte como este para as creanças e especialmente para aquellas que começam a enfranquecer e debilitar, pois não só engordam ao tomal-a, mas recuperam o appetite, as forças e a saude.

ANNUNCIOS

ARMAZENS

D. Maria da Guarda Quaresma de Mello aluga dois na Praça do Peixe.

PIANO

Vende-se um, de estudo, em bom estado de conservação.
N'esta redação se diz.

ARNALDO GAMA

O

SARGENTO-MÓR DE VILLAR

(2.ª EDIÇÃO ILLUSTRADA)

Condições d'assignatura

A obra constará de dois volumes in-8.º, e será illustrada com 12 gravuras. No Porto, será distribuida em cadernetas de 64 paginas e uma gravura, pelo preço de 100 réis cada caderneta, pagos no acto da entrega. Não excederá a 12 cadernetas, que serão distribuidas quinzenalmente.

Nas provincias só se aceeitam assignaturas vindo acompanhadas da importancia de CINCO FASCICULOS, excluindo as despezas de porte do correio, que serão pagas á custa da casa editora.

A casa editora considera correspondentes todas as pessoas que se responsabilisem por qualquer numero de assignaturas superior a cinco, e concede aos srs. correspondentes uma commissão de 20 p. c.

BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTES

Concluida a publicação da obra, a casa editora distribuirá por todos os srs. assignantes uma explendida gravura executada expressamente na Allemanha.

Remmettem-se prospectos a quem os pedir.

Assigna-se na
Livraria Civilisação
DE
EDUARDO DA COSTA SANTOS, EDITOR
4, RUA DE SANTO ILDEFONSO, 6
PORTO

EMULSÃO DE SCOTT

De Oleo Puro de
FIGADO DE BACALHAO
COM
Hypophosphitos de Cal e Soda.

E tão agradavel ao paladar como o leite.

Possue todas as virtudes do Oleo Simples de Figado de Bacalhao e tambem as dos Hypophosphitos.

Cura a Phthisis,
Cura a Anemia,
Cura a Debilidade em Geral,
Cura a Escrofula,
Cura o Rheumatismo,
Cura a Tosse e Sezões,
Cura o Rachitismo das Creanças.

E receitada pelos medicos, é de cheiro e sabor agradavel, de facil digestão, e a supportam os estomagos mais delicados.

A venda nas boticas e drogarias

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de João B. Ribeiro Junior.

Agentes, *James Cassels & C.ª*, Mousinho da Silveira, 127—1.º—Porto.

MOLIÇO

Vende-se no 1.º quinhão—Casa Branca—Testada.

Albertina Paraizo

ALMANACH
DAS
SENHORAS PORTUENSES
PARA 1886

Publicação illustrada, litteraria, commercial. scientifica e recreativa, com uma carta prefacio do exm.º sr. Oliveira Martins e duas especies camoneanas do exm.º sr. dr. Pereira Caldas.

1 vol. 240, pelo correio 270.

Alberto Pimentel

UMA VISITA

AO PRIMEIRO ROMANCISTA PORTUGUEZ
EM
S. MIGUEL DE SEIDE

Preço franco de porte..... 200 réis.

LIVRARIA PORTUENSE de Lopes & C.ª—Successores de Clavel & C.ª—Rua do Almada, 123, Porto.

CAFÉ CENTRAL

Arrenda-se.—Para tratar com D. Maria Adelaide de Sousa Guimarães.

A ESTAÇÃO

JORNAL ILLUSTRADO DE MODAS
PARA AS FAMILIAS

Preço da assignatura

Um anno.....	4$000
Seis mezes.....	2$100
Numero avulso.....	200

Agente em Portugal—Ernesto Chardron. Porto.

GRANDE
DICCIONARIO CONTEMPORANEO
FRANCEZ-PORTUGUEZ
E
PORTUGUEZ-FRANCEZ
PELO PROFESSOR
DOMINGOS DE AZEVEDO
PUBLICADO COM A APPROVAÇÃO
E SOB OS AUSPICIOS DE
VICTOR HUGO
e revisto pelo ex.mo sr.
Luiz Filippe Leite
vice-reitor do Lyceu Nacional de Lisboa

Está publicado o 11.º fasciculo.

EDITOR
ANTONIO MARIA PEREIRA
Livraria—50, Rua Augusta, 52—LISBOA.

VICTOR HUGO

OS MISERAVEIS

EXPLENDIDA EDIÇÃO PORTUENSE

ILLUSTRADA COM 500 GRAVURAS COMPRADAS AO EDITOR PARISIENSE

EUGÈNE HUGUES

Primorosa traducção do finado jornalista portuense A. R. Sousa e Silva, a mais vernacula e correcta que tem apparecido até hoje em linguagem portugueza, conservando todo o vigor e todas as bellezas do original.

A revisão do texto e coordenação das gravuras e da obra está confiada ao jornalista portuense Gualdino de Campos.

CONDIÇOES DA ASSIGNATURA

A obra constará de 5 volumes ou 60 fasciculos em 4 e illustrada com 500 gravuras, distribuidas em fasciculos semanaes de 32 paginas ao preço de 10 réis pagos no acto da entrega.

Para as provincias o preço do fasciculo é o mesmo que no Porto, franco de porte, sendo a assignatura paga adiantada e na importancia de 5 fasciculos.

A casa editora garante a todas as pessoas que angariarem 5 assignaturas, a remuneração de 20 p. c.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á LIVRARIA CIVILISAÇÃO de Eduardo da Costa Santos, editor, rua de Santo Ildefonso, 4 e 6.—Porto.

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA

COM
OFFICINA DE SERRALHERIA
AVEIRO

ESTA officina fornece os mais importantes estabelecimentos de ferragens, taes como dobradiças, fixas fechaduras, pedrezes de todos os tamanhos, etc., etc.

Tem tambem um grande sortido de fechaduras da Allemanha, França e Inglaterra assim como todos os pertences a branco.

Grande sortido de parafuzos de todos os tamanhos, pregos de arame, chumbo em barra, bico de ferro, de cobre e de zinco.

Um grande sortimento de fogões desde 5$000 reis para cima.

GRANDE variedade em panellas de ferro, e de todos os tamanhos.

Preços e descontos sem competencia

SEMPRE NOVIDADE!!!

CONFEITARIA E MERCEARIA
DE
GAMELLAS & FILHO

N'este estabelecimento encontrarão um grande e variado sortido de viveres taes como:

Queijos, londrino, flamengo, Serra da Estrella e Niza—**Conservas**, inglezas francezas e nacionaes; alcaparras em frascos; mostarda em pó e preparada, Julienne em pacotes—**Manteigas**, de Cintra, de Arouca, ingleza e normanda em latas e barris—**Passas**, de Malaga e Alicante—**Massas**, de todas as qualidades—**Leite condensado** dos Alpes—**125 qualidades de biscoitos e bolachas** nacionaes, francezas e inglezas—**Vinhos**, de Bordeus, Medoc e S. Julien, Jerez, Pasto fino, Amontillado fino, Arejo, Solera Imperial e Solera Patriarcha—**Grande variedade** em vinhos do Porto, Madeira, Alemtejo, Collares, etc.—**Ameixas** francezas em frascos e caixas e em latas—**Unto** de pingue italiano—Farinha de Seras—**Chocolates**, portuguezes, francezes e hespanhoes—**Lindas** cartonagens para amendoas e doce—**Uma extraordinaria variedade** de assucares, arrozes cafés, chás e tudo o que diz respeito a mercearia—**Doces** nacionaes e estrangeiros—**Marmellada** nacional e franceza—**Farinhas**, de Maizena, tapioca, ervilha fava, batata, sagú, sevadinha e perles do Nizan—**Salame** de Italia e de Lyon—**Gelatina** branca e vermelha—**Papeis** de todas as qualidades e objectos para escriptorio **e muitos artigos que seria impossivel innumerar.**

Grande variedade em tabacos nacionaes e estrangeiros

Um lindo sortido de cestos da ilha da Madeira

PRAÇA DO COMMERCIO—35 A 39

AVEIRO

BILHETES DE VISITA —Imprimem-se com nitidez na typographia d'este jornal.

ATTENÇÃO

Continuando alguns negociantes de machinas de costura a propalar que a **Companhia Fabril Singer** perdeu 81 contos com a casa Frister & Rossmann, temos a declarar que isso é inteiramente falso, porquanto a **Companhia Fabril Singer** nunca teve questão alguma com aquella casa, mas sim, pelo contrario, com muitas outras por abusarem do seu nome **Singer**, para á sombra d'ella enganarem o publico e poderem fazer o seu negocio, sendo uma d'ellas a casa Hermann Loog, que veio a um accordo com a **Companhia Singer**, pagando aquella casa metade das custas, e com a condição expressa de retirar das suas machinas a palavra **Singer** que tão indevidamente usava, e por cujo motivo a **Companhia Singir** lhe intentou acção.

O publico deverá dar o verdadeiro valor que merece, se examinar os taes documentos AUTHENTICOS E COMPROVATIVOS, pois nem estão reconhecidos pelo nosso consul em Londres, nem legalisados pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros, não passando esses documentos d'um mero sophisma sem valor algum senão para mais uma vez quererem illudir o publico.

Se fazemos esta declaração, não é porque liguemos a menor importancia aos falsos e ardilosos annuncios, publicados por esses negociantes de má fé, e invejosos de grande credito e estima que em todas as partes do mundo dão ás nossas tão apreciadas machinas de coser, mas sim em attenção ao publico, que sempre nos tem honrado com os seus favores e preferencia; e tanto isto é verdade que, para poder dar cumprimento aos grandes pedidos que diariamente recebe a **Companhia Fabril Singer** acaba de inaugurar uma nova fabrica em Hilbowie, onde se fabricam DEZ MIL MACHINAS POR SEMANA, que juntas ás outras dez mil que produz a fabrica de Nova-York, prefazem VINTE MIL, fabricadas semanalmente, devido tudo isto á grande procura que por toda a parte tem as suas machinas.

COMPANHIA FABRIL SINGER
75, RUA DE JOSE ESTEVÃO, 79
AVEIRO
Pegado ao edificio da Caixa Economica

AVEIRO — *Typographia da EPOCA*
Rua de Jesus—11